

CANA-DE-AÇÚCAR / SUCROALCOOLEIRO

Disonei Zampieri < zampieri@seab.pr.gov.br > Fevereiro/ 2007

A avaliação da safra canavieira no Paraná até a primeira quinzena de janeiro /2007, está a confirmar o índice de colheita de 99,9%, ou seja uma quantidade de moagem total em torno de 31,97/32 milhões/t, que já se transforma no recorde histórico, que até então cabia a safra de 2003, com a moagem de 31,07 milhões/t. Assim sendo o Paraná produziu 2,178 milhões/t/açúcar e, 1,319 bilhão/l/ álcool, com uma área de corte em torno de 400 000 há /cana, considerando um rendimento médio de 81t/há, 17,4% superior a 2005, que foi de 69 t/há, devido ao fator clima. A área potencial ocupada em 2006 situou-se em 435 872 há.

A moagem de cana atingiu 31,97 milhões/t, isto é uma variação de 28,8% sobre igual período de 2005, que deve ser interpretada como uma recuperação, pois o clima seco ao final de 2004 e de fevereiro a abril/ 05, reduziu em 15% o rendimento/oferta de cana, justamente ao final do período vegetativo e início da maturação.

A boa performance da safra 2006, que associada as vantagens comparativas de solo, clima, água, know-how, logística lavoura / usina, porto de embarque, está demonstrado pelo desempenho favorável em relação a safra 2005, ou seja, com o processamento parcial de 31,97 milhões/t/cana, significa 2,17 milhões/t/açúcar, ou uma expansão relativa de 44,6 % e, 1,31 bilhão/l/álcool, com um crescimento de 25,7 %, sobre a safra 2005, sendo 66,6% de hidratado, característica do segmento no Estado do Paraná.

Com relação ao produtor de cana, a remuneração média / 2006 alcançou R\$ 34,04/t/esteira, isto é, uma variação média nominal de 20,5 %, sobre igual período em 2005. Que somado ao desempenho determinado pela relação insumo / produto, acumulado jan à dez / 2006 que foi de 16,8/ t, contra 21,9/ t em 2005, a rentabilidade, nesse caso ao agricultor, reflete as boas perspectivas do setor sucroalcooleiro como um todo.

A distribuição espacial da oferta de cana no Paraná, segundo a regionalização por cidades polo, indica que a liderança cabe a região de Umarama, com 29%, Paranaíba 16%, Maringá 15%, Jacarésinho com 12% e Londrina com 11%. Em seguida aparece Cornélio Procópio com 7%, Campo Mourão 4% e, as regiões de Apucarana e Ivaiporã com 3% cada uma.

O indicador de riqueza gerada pela cana, sinaliza uma receita bruta setorial de R\$ 802,43 milhões para 2005, participando com 7,8% do total gerado pelo segmento agrícola, que foi de US\$ 10,41 bilhões. Quando comparado ao total do Valor da Produção do Paraná, em torno de R\$ 26,02 bilhões, essa relação foi de 3,1%.

O comportamento dos preços demonstra a vitalidade que o setor vem experimentando, com o açúcar a US\$ 281,88/t, ou seja, 50,6% superior a 2005, com um volume exportado de 1,448 milhão/t, até dezembro de 2006, isto é, uma expansão de 21,7 % em igual período, o que lhe confere o 5º posto no ranking da pauta de exportação do Paraná, ou 4,08% da receita total em US\$/FOB. Paralelamente, o álcool como commodity não alimentícia, também vem se destacando nesse cenário com a exportação de 215,7 milhões/t, ou seja 58% superior a 2005. Com o preço médio a US\$ 0,56/kg, ou 64,7 % mais elevado que em 2005, o que sinaliza a 19ª posição na pauta de exportação. É importante notar o excelente desempenho internacional de ambos os produtos, em relação a 2005, já que, o açúcar participou a época com 2,22 % e o álcool com apenas 0,46 % da receita total da exportação do Paraná. O destino do açúcar paranaense é a liga árabe, principalmente aos Emirados, ao Egito, à Argélia, ao Marrocos e, à Arábia Saudita.

O preço do açúcar bruto atinge a sua maior alta em 25 anos e do refinado em 19 anos. Estoques baixos na China e Paquistão. Igualmente na Rússia e Índia, também estão baixos, que juntos representam em torno de 40 milhões/t. Na União Européia a oferta em 2005 atingiu 20 milhões /t., e o consumo é de 16 milhões /t. Um possível aumento do volume de estoques de açúcar devido à expansão mundial, principalmente na Índia, poderá afetar as relações de oferta e demanda, com impacto nos preços, ao longo de 2007/ 2008.

A expectativa de uma possível expansão de entrada do álcool brasileiro nos EUA, foi impedida pela decisão do Parlamento em prorrogar até janeiro-2009 a cobrança da sobretaxa de US\$ 0,54/galão de 3,8/l de etanol importado. O motivo é fortalecer a relação local crescente de oferta e demanda, além do dinamismo da indústria de etanol a partir da industrialização do milho. Como referência, com o preço do álcool anidro a R\$ 0,84 / litro / usina, o imposto de importação americano corresponde a 35 % do preço negociado no mercado

interno. Estima-se que se 25 % das novas indústrias de etanol entrar em operação no Meio-Oeste dos EUA, algo como a metade do milho que é destinado à exportação, deve ser dirigido à produção do combustível. A situação americana atual, sinaliza 112 usinas em produção, com capacidade instalada de 23 bilhões/l/ano, segundo o Itap local. Outras 84 usinas estão em fase de implantação e podem elevar a capacidade para algo em torno de 34 bilhões /l/ano. Cerca de 150 outras usinas estão em estudos e, se construídas, poderão dobrar a produção de etanol. A lei agrícola prevê US\$1,6 bilhão em pesquisa e tecnologia para novos combustíveis.

No Brasil estão em construção 100 novas usinas de álcool, com investimentos de R\$ 10 bilhões, o que vai elevar a capacidade em 50% até 2012, passando de 17 para 25 bilhões/l/ano, ou mais 8 bilhões/l., a suprir a demanda interna com a expansão dos veículos flex-fuel. Aqui reside a vantagem comparativa integrada em área/cana/produção açúcar- álcool/energia/máquinas e equipamentos. O financiamento é de até 80%, através da TJLP, 6,5 % + 7,0 %. O setor sucroalcooleiro movimentou no Brasil R\$ 40 bilhões /ano, gerando cerca de 3,6 milhões/ empregos, direto/indireto, em 320 usinas, sendo 238 no Centro-Sul, moendo 400 milhões/t/ano.

Em contrapartida, atualmente a União Européia indica uma oferta média de 1,7 bilhão /l/ etanol /safra, dez vezes menos que Brasil e EUA. Nesse caso, de um lado o Brasil vem pleiteando junto à OMC o ingresso do etanol como produto ambiental, justamente o que não deseja a Central de Agricultores da Europa, a Copacogeca, pois resultaria na aplicação da tarifa zero de importação. Outro ponto a considerar é a possibilidade de entrar a cláusula ambiental como componente na negociação dos novos acordos comerciais, que resultará em mais uma possível barreira não alfandegária. Embora a supremacia americana na oferta mundial de álcool os EUA importaram só do Brasil 1, 65 bilhão/l até nov/ 2006, ou seja 65% da importação total de 2,5 bilhões de litros. O que significa, diversificação da matriz energética, aliado a preocupação ambiental.

A sexta estimativa paranaense de cana, safra 2007 / 2008, indica uma área potencial futura de 518 450 há, para uma oferta média de 41 milhões/t /cana, sinalizando uma expectativa de moagem de 34 à 35 milhões de toneladas em 2007. As maiores intenções de expansão de área, estão a se localizar nas regiões polarizadas por Cornélio Procópio com 39 %, Londrina 40 %, Paranavai 27 %, Umuarama 18 %, Jacarésinho 15 %, e a região de Maringá 10 %. Devem entrar em operação no Estado do Paraná, duas novas Usinas, nas regiões de Paranavai e Maringá, ao longo de 2007/2008.

A análise de preços no ambiente doméstico, indica uma pequena redução ao nível do produtor em um mês. Ou seja, o álcool anidro a R\$ 0,864/l/jan/2007, está 0,2 % ao preço de dez/ 2006, enquanto o hidratado cotado a R\$ 0,833/l, reduziu 1 %. Em contrapartida o açúcar, apresentou uma pequena alta de 1 %, com base no preço atual em final de jan/2007, de 36,65/sc50kg. Por sua vez, houve uma substancial redução de preço na usina entre jan/ 2007 e jan/ 2006, de (15,3% no anidro), de (17,5% no hidratado) e de (24,9% no açúcar). Paralelamente, no consumo final, a nível de varejo, aqui representado pela pesquisa de campo nos mercados de Curitiba, também ao final de jan/2007, foi detectado o seguinte comportamento, dentre os principais tipos de açúcar ofertados à população, ou seja; o açúcar cristal cotado a R\$ 1,42 /kg, reduziu 10,1%. O refinado, a R\$ 1,31/kg, uma baixa de 19,13%. Por sua vez, o açúcar mascavo a R\$ 6,10/kg, desceu 2,8 %. E, finalmente o orgânico a R\$ 3,10/kg reduziu 0,9 %, em relação aos preços praticados no mês anterior, dezembro/ 2006.

É importante enfatizar que essa variação de preço é apenas indicativa do segmento e reflete o momento da pesquisa, ou seja, sempre na última semana de cada mês e, absolutamente vem a sinalizar uma possível indicação de rentabilidade com base no fluxo de caixa das usinas, ou à formulação de estudos eventuais de margens de comercialização, por segmento de mercado.

A redução relativa do preço do álcool no produtor em 2006, sinaliza uma entressafra de menor pressão em relação a 2005, devido ao aumento da oferta e a redução da mistura de álcool à gasolina, de 25% para 20% - índice esse que vigorou até novembro passado - possibilitando a expansão do estoque. Com isso a pressão na entressafra, é bem menos intensa. O etanol é viável com o preço do petróleo em torno de US\$ 36/b.

A teoria econômica nos ensina que os preços dos produtos intensivos em recursos naturais, são cíclicos. Mas é provável que graças ao efeito China, ajudado agora pela Índia e a Rússia, esse ciclo atual de alta seja mais longo. Entretanto, o investimento em novas plantas e a expansão da capacidade instalada provocada pelos lucros elevados, junto com o progresso tecnológico, implica que, mesmo na ausência de uma recessão naqueles países, os preços tendem a se estabilizar ou cair a médio e longo prazo. Portanto os ganhos que os preços trazem ao País, devem ser interpretados como transitórios e investidos para garantir um nível maior de consumo quando o efeito preço se reverter. Essa situação ficou clara nos últimos três anos com o preço dos

grãos em geral, embora se note a evolução do preço das commodities, como o açúcar, arroz e do milho e da soja, básicos à produção de biocombustíveis.

O grau de importância do segmento sucroalcooleiro do Paraná em relação ao Brasil, gira em torno de 8 %, assim dividido por etapas de produção, com base na estimativa de safra/ 2006, efetuada junto às Usinas e Destilarias, pela equipe da SEAB - DERAL, IBGE, CONAB, MAPA, bem como de entidades correlatas ao setor, tais como a Alcopa e a Única, além de diversas consultorias técnicas especializadas. É importante ressaltar que essa avaliação é preliminar, devido ao andamento da safra brasileira nos Estados do Nordeste e Norte do Brasil, que responde por 13/15% da oferta brasileira de cana-de-açúcar.

- a) Área total de cana: 7,05 %, ou 435,87 mil há / 6,18 milhões há ;
- b) Oferta de cana total : 7,39 %, ou 35,16 milhões t. / 475,73 milhões há ;
- c) Rendimento médio: 4 %, ou 80 t/há / 77 t/há ;
- d) Cana moída: 7,48 %, ou 31,9 milhões t. / 425,99 milhões/t ;
- e) Açúcar: 7,22 %, ou 2,17 milhões t. / 30,02 milhões t.;
- f) Álcool: 7,42 %, ou 1,31 bilhões litros / 17,64 bilhões litros ;
- g) Açúcar exportado (jan-dez): 7,98 %, ou 1,448 milhões t. / 18,146 milhões t.;
- h) Álcool exportado (jan-dez): 10,67 %, ou 215,71 milhões/t / 2,023 bilhões/t;
- i) Grau de internacionalização do Paraná em 2006: Açúcar 67% e Álcool 17%;
- j) VPB-2006: 6%, ou R\$ 1,092 bilhão / R\$ 18,22 bilhões, estimativa;
- k) Ranking: É o 2º colocado em Área, Rendimento, Oferta de cana e Álcool. É o 3º em açúcar, ou seja, atrás do Estado de São Paulo e de Alagoas, respectivamente.

No tocante a logística de transporte está em operação no Paraná o terminal privado de embarque de açúcar no Porto de Paranaguá com uma capacidade estática de 174 mil t. Paralelamente, através de um investimento público da APPA da ordem de R\$ 13,7 milhões, está previsto a conclusão do Terminal Público de Álcool, composto de “7” tanques, para uma capacidade de armazenamento de 35 milhões/l. Esse terminal inclui a ligação ao pier do Porto, através de dutos com 4 km. de extensão, em uma área de 64 mil/m², aproximadamente.